



Universidade de Brasília-UnB

Instituto de Letras-IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas- LIP
Licenciatura em Línguas de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua-
LSB-PSL

SINTAXE EM LSB: A ORDEM DAS FRASES

ODÉLIA FERREIRA SILVA XAVIER

Brasília, Dezembro, 2018

ODÉLIA FERREIRA SILVA XAVIER

SINTAXE EM LSB: A ORDEM DAS FRASES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Língua de Sinais Brasileira-
Português como Segunda Língua.

Orientadora: Prof. Ms. Fabiane Elias Pagy

.

Dedico esse TCC a todos os Surdos e Ouvintes que se propõem a estudar esta Língua maravilhosa, visando além de conhecê-la, fazê-la florescer cada vez mais, trazendo aos seus usuários o prazer de compartilhar de algo tão prazeroso.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, saúde e paciência de ter me conduzido até aqui.

Aos meus professores, pelos ensinamentos, novos aprendizados e novos horizontes que nos mostraram.

A minha querida Orientadora, Professora Ms. Fabiane Elias Pagy, pelos sábios conselhos, sua paciência infinita e ajuda.

Aos meus filhos Jullie e Wysllen, por toda a ajuda e incentivo, pois sem eles esse trabalho não seria possível.

Ao meu marido José Custódio, pelas horas sozinho e em silêncio quando me dedicava às leituras e pesquisas.

Aos meus familiares, papai, mamãe, irmãos, cunhados e sobrinhos, por todas as palavras de incentivo aos estudos.

Às colegas de Sala pelo apoio, ajuda e paciência. Sem elas eu não estaria aqui.

À minha chefe Ana Teresa, por trocar minha escala sempre que precisava estender as horas de estudo ou para atender a grade horária.

Às colegas Bruna e Lorraine que ajudaram no TCC.

A Todos, meu muito obrigada!!!!!!

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	6
LISTA DE FIGURAS.....	7
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1. LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – LSB.....	12
CAPÍTULO 2. LINGUÍSTICA LSB.....	16
CAPÍTULO 3. ORDEM DAS FRASES.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

LISTA DE SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
CM	Configuração de Mão
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educacional de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LSB	Língua Sinais Brasileira
O	Objeto
S	Sujeito
V	Verbo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configuração de Mãos

Figura 2 – Locação de Mão ou Ponto de Articulação

Figura 3 – Movimento das Mãos

Figura 4 – Orientação da Palma das Mãos

Figura 5 – Expressões Faciais e/ou Corporais

RESUMO

Estudar uma língua significa estudar sua estrutura, sua gramática e os aspectos linguísticos que a constituem em seus diversos níveis. Quando se trata da Língua Brasileira de Sinais (LSB), estes estudos são ainda mais importantes, visto que os estudos são mais recentes e seu status de língua desconhecido por muitos. O objetivo deste trabalho é apresentar um tema muito importante para a compreensão e construção do discurso em LSB, que é a ordem das frases, buscando conhecer e identificar o que os autores apresentam, qual a ordenação mais básica e quais as possíveis ordenações, com o intuito de esclarecer essa estrutura e sua organização. No capítulo primeiro será apresentada a LSB, sua legislação, regulamentação e características da comunidade e da cultura Surda. No segundo capítulo serão apresentadas as características linguísticas da LSB em seus diversos níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático). Por fim, no terceiro capítulo serão apresentados os dados e características específicos da sintaxe da LSB, com foco na ordem das frases, demonstrando, com base em um levantamento bibliográfico, quais são as possibilidades de ordenação e combinação entre os elementos Sujeito (S), verbo (V) e objeto(O).

Palavras-chaves: ordem da frase, sintaxe, fonológico, semântico, LSB, ordenações básicas.

ABSTRACT

Studying a language means study its structure, its grammar and its linguistics aspects which belongs on its various levels. When it comes to “*Língua de Sinais Brasileira (LSB)*”, these studies are even more important due to status and studies of this language are more recently and unknown for many people. The aim of this paper is to introduce a very important theme to LSB’s comprehension and speech construction which is phrase order, seeking to know and identify what authors present about it, what is the basic and possible orders with the purpose of clarify its structure and organization. In chapter 1 will be introduced the “LSB”, its law, regulation and features from the community and the deaf culture. In chapter 2 will be displayed the LSB language features on its different levels (phonologically, morphologically, syntactically, semantically and pragmatically). Lastly, in chapter 3 will be presented syntax specific data and characteristics of LSB, focusing on the phrase order, proving with a bibliographic approach which are the possibility of order and combination between the elements : Subject (S), Verb (V) and Complement (C).

Key-words: phrase order, phonological, syntax, semantic, basic phrase order, LSB.

INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais Brasileira, doravante LSB¹, foi reconhecida no Brasil dia 24 de abril de 2002 como língua falada pela Comunidade Surda e desde então as pesquisas têm se expandido diariamente. Contudo, algumas áreas têm poucas publicações, por isso este trabalho dedica-se à sintaxe de LSB, que é pouco explorada. Será necessário explorar a Língua de Sinais, em termos gerais, até especificamente ao objeto de estudo, que é a ordem das frases.

A história da Língua de Sinais sempre foi difícil, desde seus primórdios, com a sua proibição no Congresso de Milão, seu desenvolvimento dentro de uma sociedade que nunca olhou para as necessidades das minorias e seus dilemas atuais, como a falta de uma gramática, por exemplo.

Não são apenas as línguas orais que têm uma estrutura com regras que precisam ser seguidas. As línguas de sinais também têm elementos e características linguísticas. Elas são objetos de estudo e também desenvolvem diversos trabalhos e obras, ou seja, também precisam de organização.

Quanto aos estudos sobre a gramática das Línguas de Sinais, estes têm uma história mais recente, iniciada no século passado, com os estudos de ASL língua de Sinais Americana, Stokoe, na década de 60. Stokoe começou seus estudos sobre ASL, descrevendo e organizando sua estrutura. Por não saber a Língua Americana de Sinais, convidou surdos para estudar junto com ele. Seus colegas de estudo não tinham nenhum conhecimento específico, mas ajudavam Stokoe com a ASL. Stokoe conseguiu provar para todos que a Língua de Sinais é de fato língua e desenvolveu um dicionário com o sistema descritivo da ASL, com sinais, seus significados e uma análise linguística. Já no Brasil, a LSB iniciou seus estudos na década de 80 com Ana Regina Campello.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Língua Brasileira de Sinais - Libras é uma língua viso-espacial, porque é sinalizada e tem seu espaço onde fica pré-determinada sua utilização, pensando nisso, as autoras mostram que esta língua apresenta uma riqueza de expressividade diferente das línguas

¹ Resolvemos utilizar a sigla LSB com base nos estudos de Castro-Júnior (2012) que convencionou e utiliza nomenclatura seguindo um padrão internacional de denominação das Línguas de Sinais.

orais, incorporando os elementos nas estruturas dos sinais através de relações espaciais.

Por faltar ainda muito o que ser descrito e detalhado na Linguística da LSB, o objetivo deste trabalho é de fazer um levantamento bibliográfico com o intuito de conhecer o que os principais autores dizem sobre a ordem das frases em LSB.

Quanto aos objetivos específicos, pretendemos demonstrar a ordem de palavras mais usual em LSB, detalhar as possíveis ordens de palavras na língua, identificar os elementos das sentenças e perceber como eles se relacionam.

No que tange à metodologia, como dito anteriormente, este trabalho trata-se de um levantamento bibliográfico, com uma análise qualitativa desses estudos já realizados, buscando textos como teses, dissertações, livros e artigos científicos.

Segundo Godoi (1995), estudo qualitativo é um tipo de método de investigação de base linguístico-semiótica usada principalmente em ciências sociais. Costumam-se considerar técnicas qualitativas todas aquelas diferentes à pesquisa estatística e ao experimento científico. Isto é, entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes. A investigação quantitativa atribui valores numéricos às declarações ou observações, com o propósito de estudar com métodos estatísticos possíveis relações entre as variáveis, enquanto, a investigação qualitativa recolhe os discursos completos dos sujeitos, para proceder então com a sua interpretação, analisando as relações de significado que se produzem em determinada cultura ou ideologia.

A ordem das frases sempre foi um assunto muito problematizado, pois cada usuário utiliza uma ordem diferente, mas não sentimos muita diferença no significado, mostrando a diversidade e as várias formas de uso da língua. O usuário tem liberdade, mas nunca devemos esquecer de suas estruturas morfológicas, semânticas, pragmáticas, etc., abordadas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 1. LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – LSB

Os governantes e religiosos sempre protagonizaram as histórias das línguas de sinais pelo mundo, no Brasil não foi diferente, pois em 1855, E. Huet veio para o Brasil para fundar a maior escola de língua de sinais do Brasil, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Foi fundado na rua das laranjeiras no Rio de Janeiro em 22 de junho de 1857.

A língua de sinais sempre encontrou grandes dificuldades em se estabelecer, mesmo com investimentos, com estudos, palestras, debates e reuniões sem fim, sempre esbarrava na mesma barreira que era a legislação brasileira, até que em 24 de abril de 2002, foi sancionada a Lei 10.436, que reconhece a LSB como língua falada pela comunidade surda no país. Após essa Lei, foi sancionado também o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que em seu artigo 3º afirma que a LSB deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino.

Gesser (2010) aborda em seu livro, “LIBRAS, que língua é essa?”, vários momentos que a LSB tem passado neste período, tratando sobre diversos mitos e preconceitos foram enfrentados, que são combatidos até os dias de hoje, restando ainda um longo caminho pela frente.

Neste capítulo abordaremos conceitos básicos da LSB, além de aspectos importantes sobre a comunidade surda, e especificidades identitárias do surdo e o fato de sua língua ser um artefato linguístico fundamental para essa construção.

1.1. A Língua de Sinais Brasileira

As línguas de sinais - LS nem sempre foram aceitas como língua², por apresentarem uma modalidade diferente das línguas orais, sendo vista pelos

² Segundo Saussure (1995, p. 17) apud Quadros e Karnopp (2004, p. 25), língua “É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

pesquisadores como uma forma de linguagem visual³ (QUADROS e KARNOPP, 2004 p. 25).

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 24), as línguas de sinais têm modalidade viso-espacial, por ter como característica ímpar sua forma de produção. A LSB é realizada no espaço e sua percepção feita pelos olhos, não a desqualificando como língua, tendo o mesmo status que as línguas orais-auditivas, com sua produção e percepção por intermédio dos aparelhos fonador e auditivo (QUADROS e KARNOOP, 2004 p. 24).

Um fato importante mencionado por Oliveira (2015, p. 93) é a sobre a valorização das línguas de sinais e o seu reconhecimento entre os linguistas, que iniciou em 1960 com os estudos de Willian Stokoe. Este provou que, os sinais utilizados pelos alunos surdos tinham uma estrutura linguística equivalente às das línguas orais.

Stokoe, em seus estudos, realizou uma descrição fonológica da Línguas de Sinais Americana – ASL, além de desenvolver um sistema descritivo dessa língua em um dicionário de análise dos sinais da ASL (OLIVEIRA, 2015 p.100). Deste então, inúmeros trabalhos em todas as partes do mundo vêm sendo publicados, trazendo o status de língua para as línguas de sinais utilizadas pelos surdos no mundo, qualificando-as como línguas, já que possui função comunicativa de expressão do pensamento (QUADROS e KARNOPP, 2004 p. 29).

Para Ferreira-Brito (1993 p. 85), as línguas de sinais são de modalidade gestual-visual, pois estas codificam, através dos símbolos, a visão de mundo específica dos surdos. Para ela, “O desenvolvimento linguístico através de uma modalidade gestual-visual leva ao surgimento de uma língua diferente da língua oral falada pela comunidade ouvinte que circunda os surdos”. (FERREIRA BRITO, 1993 p. 85).

Por ser a Língua de Sinais um artefato linguístico importante, não podemos abordá-la sem antes falar sobre a comunidade e a cultura surda, temas estes muito defendidos e presentes nas pesquisas da área.

³ Por não se tratar de uma modalidade de língua oral, as línguas de sinais não tinham o status de língua (BLOCH E TRAGER, 1942; HALL, 1968 apud QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 25).

1.2. CULTURA SURDA

Cultura possui vários significados, mas podemos sintetizar, (FERREIRA, 2010), “é tudo que simboliza aquilo que é aprendido e compartilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que confere identidade ao grupo”.

Já a

“Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas” (STROBEL, 2008, p. 24).

De acordo com dados apresentados pela FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – em 2011, estima-se que entre 15% a 25% dos brasileiros sejam portadores de algum grau de surdez (adquirida ou congênita).

Toda criança constrói seu mundo a partir de experiências vividas e quando ela nasce surda, sem som, ela aprenderá de forma diferente e precisará de um trabalho especial para desenvolver sua personalidade.

O ideal então é que a criança surda tenha acesso, o mais depressa possível, à língua de sinais (LSB), pois é inteligente e capaz de desenvolver-se por esta via do mesmo modo que a criança ouvinte. Além disso, o contato precoce contribui para o aprendizado referente à cultura surda, auxiliando futuramente na formação de sua identidade.

1.3. COMUNIDADE SURDA

Para Ferreira, (2010), Comunidade “é qualquer grupo social cujos membros habitam uma determinada região, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.”

A história dos surdos, seus sofrimentos e lutas, mostram o quanto é necessário permanecerem unidos e construir uma identidade própria. Sua cultura é representada principalmente pela sua língua, elemento de união que permanece vivo nas comunidades, Para Strobel (2008, p.33),

“a comunidade surda de fato, não é formada só de sujeitos surdos; há também sujeitos não surdos membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros, que participam e compartilham interesses em comum, em uma determinada localização. O povo surdo é aquele que, embora não resida no mesmo bairro ou cidade em um determinado país, apresenta tradições parecidas através das origens e também do uso da língua de sinais.”

As comunidades surdas estão espalhadas pelo país, possuindo diferenças em relação aos hábitos, vestuários, situações socioeconômicas e, claro, variações linguísticas regionais.

As escolas de surdos, mesmo sem uma proposta bilíngue definida proporcionam o encontro entre os surdos. Esse contato favorece a disseminação de LSB entre adultos e crianças. Nessas escolas encontramos professores surdos ou ouvintes que utilizam a língua de sinais. Em geral há cursos de LSB dirigidos aos pais das crianças matriculadas.

CAPÍTULO 2. LINGUÍSTICA DA LSB.

Neste capítulo abordaremos a linguística da língua sinais brasileira, apresentando seus principais aspectos, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, de forma clara e simplificada, utilizando alguns exemplos para uma melhor compreensão.

2.1. Linguística das Línguas de Sinais

Karnopp & Quadros 2004, afirmam que uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza em um sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os usuários (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.30). Ferreira-Brito (1998, p.19) afirma que:

“As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” (FERREIRA BRITO, 1998, p. 19)

Por ser considerada língua, apresentaremos a seguir dados sobre os níveis linguísticos apresentados anteriormente.

2.2. Fonologia da LSB

O termo fonologia tem sido usado não somente no contexto das línguas orais, mas nos estudos dos elementos que envolvem a formação dos sinais.

Quadros & Karnopp (2004, p.47) definem a fonologia das línguas de sinais da seguinte forma:

“Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.47).

A análise da formação dos sinais foi estabelecida por Stokoe (1960), ao propor a decomposição dos sinais em três parâmetros principais (configuração de mão, locação da mão, movimento da mão), a fim de analisar a constituição deles na ASL (Língua de Sinais Americana), afirmando “não possuírem significado de forma isolada”. Posteriormente, outros parâmetros foram acrescentados às pesquisas da fonologia das línguas de sinais, sendo eles: orientação da mão, expressões faciais e corporais. Para ficar mais claro, apresentamos a seguir cada um desses parâmetros que compõem o sinal.

a. Configuração de mão

A configuração de mão (doravante, CM), de acordo com Strobel & Fernandes (1998), é definida como a “forma assumida pela mão durante a articulação de um sinal”. Muitas configurações de mãos já foram catalogadas, como visto na figura 1.

FIGURA 1. CONFIGURAÇÃO DE MÃOS

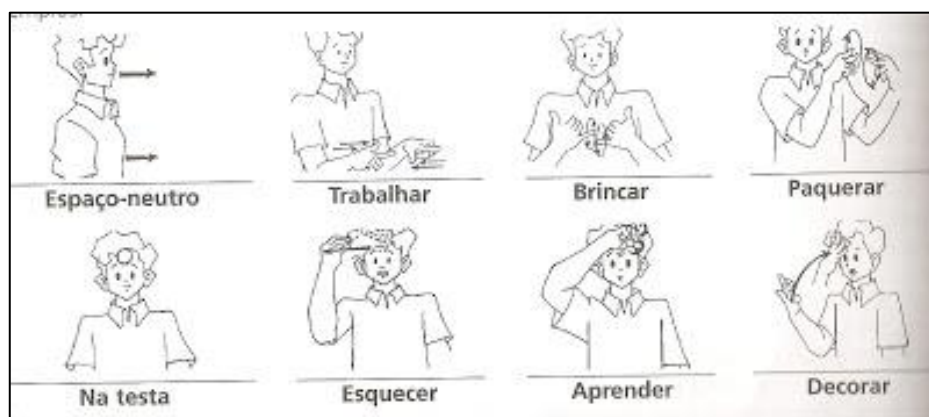


Fonte: WIGGERS, K.L; RÉ, A. M. e PORFÍRIO A. J. (2014, P. 185)

b. Locação da mão ou ponto de articulação

É o lugar do corpo onde o sinal será realizado. É o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Na figura 2 observamos os sinais TRABALHAR e BRINCAR, que são feitos no espaço neutro e os sinais APRENDER e PENSAR, feitos na testa.

FIGURA 2. LOCAÇÃO DE MÃO OU PONTO DE ARTICULAÇÃO



Fonte: FELIPE, T. A. (2006, p. 22)

c. Movimento

O movimento é definido como um “parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço.” (Klima e Bellugi, 1979).

Podemos encontrar diversos tipos de movimento, podendo ser retilíneos, helicoidais, circulares, circulares e tantos outros, como na figura 3.

FIGURA 3. MOVIMENTO DAS MÃOS.



Fonte: FELIPE, T. A. (2006, p. 22)

d. Orientação da palma:

Ferreira-Brito (1995) diz que a orientação da palma da mão “É a direção que a mão fica na hora da articulação do sinal”. Os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais; IR e VIR, SUBIR e DESCER, ACENDER e APAGAR, ABRIR e FECHAR.

FIGURA 4. ORIENTAÇÃO DA PALMA DAS MÃOS.



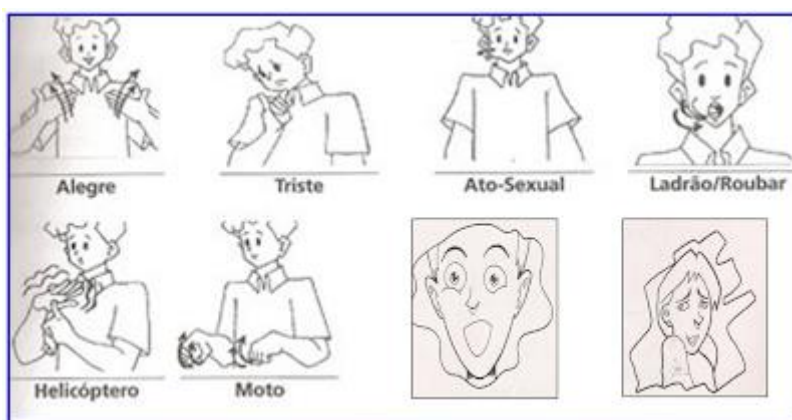
Fonte: FELIPE, T. A. (2006, p. 23)

e. Expressão facial e/ou corporal

Expressões faciais e corporais, também conhecidas como Expressões Não-Manuais, “são marcações de construção sintática, que enfatizam, intensificam, afirmam ou negam algo.” (FERREIRA-BRITO, 1995).

Muitos sinais têm como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE, TRISTE, HELICÓPTERO, MOTO, vistos na figura. Além disso, há sinais como LADRÃO, ATO-SEXUAL, SUSTO E TRISTEZA que não possuem uma configuração de mão, mas tem sua significação baseada na expressão facial.

FIGURA 5. EXPRESSÕES FACIAIS E/OU CORPORAIS



Fonte: FELIPE, T. A. (2006, p. 23)

Além disso, com base nos estudos de Quadros & Karnopp (2004), as expressões não manuais podem realizar-se por meio de movimentos na face, olhos, cabeça ou tronco e têm duas funções nas línguas de sinais, podendo ocorrer de duas formas:

“Marcação das construções sintáticas: marcam sentenças interrogativas, orações reativas, topicalizações, concordância e foco; Diferenciação de itens lexicais: marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto” (QUADROS & KARNOPP, 2004)

2.3. Morfologia da LSB

Morfologia é um ramo da linguística que estuda a estrutura interna, a formação e classificação das palavras ou sinais, como definido Quadros & KARNOPP (2004). Para elas, a” Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como as regras que determinam a formação das palavras”. Além disso, na morfologia estudamos os morfemas, palavra de

origem grega *morphé*, que significa forma. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.86.).

Com base nesse conceito podemos então entender que os sinais da LSB são formados à partir da combinação dos parâmetros fonológicos já apresentados, que combinados geram os morfemas, ou seja, unidades mínimas com significado, ou seja,

“Estes cinco parâmetros podem expressar morfemas através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência do movimento, de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal, que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais” (FELIPE, 2006, p. 202).

Quadros & Karnopp (2004), dizem que “uma das principais funções da morfologia é a mudança de classe, isto é, a utilização da ideia de uma palavra em outra classe gramatical”. Para tal utiliza um sinal já existente para a criação de um novo sinal, a este movimento damos o nome de derivação. Na flexão em LSB, podemos observar que ela ocorre em pessoa, número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal e aspecto distributivo.

Em LSB, para autores como Leite (2008),

“O nível morfológico de LSB demonstra-se limitado quando comparado ao de outras línguas, como o português, por exemplo. E que a maioria dos sinais de LSB são monomorfêmicos, porém há também sinais complexos, divididos em sinais compostos; sinais com incorporação de numerais; e sinais modificados aspectualmente. Sinais compostos são aqueles que apresentam, em sua formação, a junção de dois ou mais sinais já existentes”

2.4. SINTAXE DA LSB

Sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. Ao emitir uma mensagem, o emissor procura transmitir um significado completo e compreensível. Para isso, as palavras são relacionadas e combinadas entre si. A sintaxe é um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Dentre os diversos aspectos analisados pela sintaxe, um que se destaca é a ordem das frases, ou seja, a forma como os elementos se combinam para a emissão eficaz de uma mensagem na língua, porém abordaremos tal assunto no capítulo 3, a seguir, por ser este o nosso objetivo.

2.5. Semântica e Pragmática da LSB

Semântica “é o estudo do significado da palavra e da sentença” (QUADROS & KARNOPP, 2004, pg. 21). Na semântica estudamos a natureza, a função e o uso dos significados.

Quanto à pragmática, Quadros & Karnopp (2004, pág. 22) definem como “o estudo da linguagem em uso (contexto) e dos princípios da comunicação”, envolvendo as relações entre a linguagem e o contexto.

Sendo assim, quando pensamos em semântica e pragmática percebemos que primeira estuda o significado linguístico e a segunda estuda o significado resultante do uso linguístico. Além disso, entendemos que o sentido muitas vezes sofre influência do contexto pragmático, sendo este último tomado como o conjunto de circunstâncias em que a mensagem que se deseja transmitir é emitida.

Desta forma no presente trabalho optamos por trabalhar a semântica e pragmática em conjunto. Assim, o significado é entendido como sendo a relação entre a linguagem e o que ela fala, ou seja, o mundo. Fiorin (2010) afirma que conhecer a verdade sobre a sentença é entender em que circunstância de mundo está será verdadeira ou falsa. Então o significado linguístico do enunciado, em LSB, é influenciado substancialmente, de acordo com o que vimos na seção anterior.

CAPÍTULO 3. ORDEM DAS FRASES

Como visto no capítulo anterior, para Quadros & Karnopp (2004), sintaxe é “a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si”. As autoras afirmam também que “ao emitir uma mensagem, o emissor procura transmitir um significado completo e compreensível”. Para isso, as palavras são relacionadas e combinadas entre si. A sintaxe é, então, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Fernandes (1994), considera a sintaxe como “a parte da linguística que estuda a estrutura interna das sentenças e a relação interna entre suas partes.” Para a autora, ao analisar as estruturas internas das sentenças na LSB, é possível perceber algumas “regras específicas, como a ausência de preposição, de conjunções e de verbos de ligação.”

Dentre os vários objetos de estudo possíveis da Sintaxe, um que se destaca está relacionado à ordem das palavras na frase.

A ordem das palavras é o conceito básico relacionado à estrutura da sentença de uma língua. A ideia de que as línguas podem apresentar diferentes ordens básicas teve um papel significativo na análise linguística. Por exemplo, Greenberg (1966) observou que das seis combinações possíveis de Sujeito (S), de Objeto (O) e de Verbo (V), determinadas ordens de palavras são muito mais comuns do que outras. As línguas, frequentemente, permitem diversas ordens, mas Greenberg observou que mesmo que essa variação exista, geralmente cada língua tem uma única ordem de palavras dominante. Ele observou que a ordenação dos elementos tende a ser consistente, isto é, uma língua VO terá o objeto após a preposição, enquanto uma língua OV terá a ordem oposta, objeto e então preposição.

Dos estudos tipológicos aos estudos formais, nós vemos uma distinção entre ordem ‘básica’ ou ‘canônica’ e ordem ‘subjacente’ das palavras. A primeira é relacionada à ordem das palavras de superfície em uma língua. Como mencionado antes, Greenberg (1966), observou que algumas ordens de palavra parecem ser dominantes nas línguas do mundo e é, por esta razão,

que são chamadas ‘básicas’ ou ‘canônicas’. Em toda a língua particular, a decisão para rotular uma ordem particular como dominante é baseada na ordem de palavras de orações simples não-marcadas.

Por outro lado, a ordem ‘subjacente’ é aquela que é gerada na estrutura profunda da sentença. A ‘estrutura profunda’ é a estrutura nua no sentido de Chomsky (1965), isto é, a estrutura antes que todas as transformações lhe sejam aplicadas.

Importante frisar que Miranda (2014, p. 22) observa que, “diferente do português, as orações em LSB apresentam a ausência de alguns constituintes, como a preposição, a conjunção e verbos de ligação”. Da mesma forma que alguns termos da língua portuguesa se ausentam em LSB, outros, que não compõem o português se fazem presentes nessa língua, como verbos direcionais, de concordância e outros.

3.1. A ordem básica em LSB

Dentre os estudos acerca da sintaxe das línguas de sinais, um tema interessante a ser discutido e investigado é a ordem básica da frase em diferentes línguas de sinais e em diferentes tipos de sentença, tendo ganhado destaque as sentenças interrogativas e as construções de tópico e foco.

Segundo Quadros & Karnopp, (2004), as sentenças da LSB são completamente diferentes do ponto de vista estrutural das do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituintes, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a LSB é uma língua do tipo tópico-comentário.

Nas sentenças do português, a ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)-objeto (O), normalmente chamada de SVO. Assim, se no contexto não está evidente que uma outra pessoa além da primeira deve ser o sujeito, este será a primeira pessoa. Então, apesar de estarem explícitos apenas o verbo e o objeto da segunda sentença, sabemos que a ordem é SVO.

Visando um entendimento mais apurado sobre a estrutura de LSB, Quadros (1995) afirma que a LSB, assim como a ASL, é uma língua pro-drop,

para a qual a autora traz diversos exemplos e evidências afirmando que as sentenças que possuem um verbo com concordância licenciam uma categoria vazia tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto. Dessa forma, a LSB é uma língua que permite tanto sujeitos nulos quanto objetos nulos.

Souza (2014), afirma que a

"LSB se comporta de forma bastante semelhante à ASL no que tange a ordem dos constituintes: ambas as línguas apresentam a ordem básica SVO e são, portanto, línguas de núcleo inicial. A discussão sobre ordem da frase em diferentes línguas de sinais se tornou bastante profícua, uma vez que muitas línguas sinalizadas apresentam certa flexibilidade na ordenação dos constituintes, emergindo diferentes padrões de ordenação, tais como SVO, SOV, OSV e VOS."

Entretanto, Quadros (1999), em consonância com Fischer (1975) e diversos autores que discutem a sintaxe da ASL, defende a existência de uma ordem básica da frase e que os outros arranjos existentes na língua são derivados dessa ordem subjacente. Um argumento a favor dessa afirmação é o de que todas as sentenças com a ordem SVO são gramaticais e não são licenciadas por mecanismos sintáticos específicos. As sentenças em (1) ⁴ilustram essa ordem:

- (1) a. JOÃO GOSTAR FUTEBOL
- b. JOÃO GOSTAR MARIA
- c. EU ACHAR [MARIAa aIR-EMBORAloc]

Todas as sentenças em (1) apresentam um verbo simples (sem concordância) e possuem a ordem SVO. Entretanto, (1b) e (1c) ilustram tipos de sentenças importantes para a definição da ordem básica da frase. Em (1b) os argumentos JOÃO e MARIA são considerados argumentos reversíveis, ou seja, ambos os argumentos possuem as propriedades semânticas necessárias para exercerem tanto a função sintática de sujeito quanto de objeto da sentença.

⁴ Exemplos presentes em Quadros (1999), pág.61.

Por esse motivo, a ordem SVO em (1b) é a responsável pela identificação das funções sintáticas e temáticas de cada argumento. Em consequência disso, alterar a ordem de (1b) para SVO a torna agramatical, porque não seria possível identificar qual é o sujeito e qual é o objeto da sentença.

Em (1c), a sentença apresenta um predicativo do objeto a nível oracional. Segundo Quadros (1999), sentenças cujo verbo seleciona um objeto apresentam apenas a ordem SVO como gramatical. Assim, o fato de que sentenças com argumentos que podem ser alterados e sentenças com objeto de nível oracional serem possíveis apenas na ordem SVO constitui evidência de que esta é a ordem básica da frase em LSB.

3.2. Outras ordenações possíveis em LSB

Como apontado anteriormente, apesar de existir uma ordenação considerada básica em LSB, outras combinações entre os elementos são possíveis.

Miranda (2014), afirma que “É preciso destacar, porém, que em LSB os processos de topicalização e focalização são bastante frequentes, o que faz emergir diferentes ordens dos constituintes, a saber: SOV, OSV e VOS”. Para ele, a “representação das estruturas da frase na LSB deve ser feita observando-se as construções interrogativas, as topicalizações e as construções focalizadas”. Tais descrições oferecem subsídios para a determinação da representação completa da estrutura da frase da LSB, incluindo as categorias funcionais relacionadas às posições não argumentais. Além disso, esta representação oferece suporte para estrutura básica SVO, assim como proposto anteriormente, uma vez que todas as mudanças da ordem das palavras resultam de operações relacionadas à checagem de traços.

Na maioria dos casos, entretanto, a LSB parece preferir, como já dissemos, a topicalização e o verbo no final da sentença como em (2)⁵.

(2)



Quadros & Karnopp (2004), sobre (2), dizem que

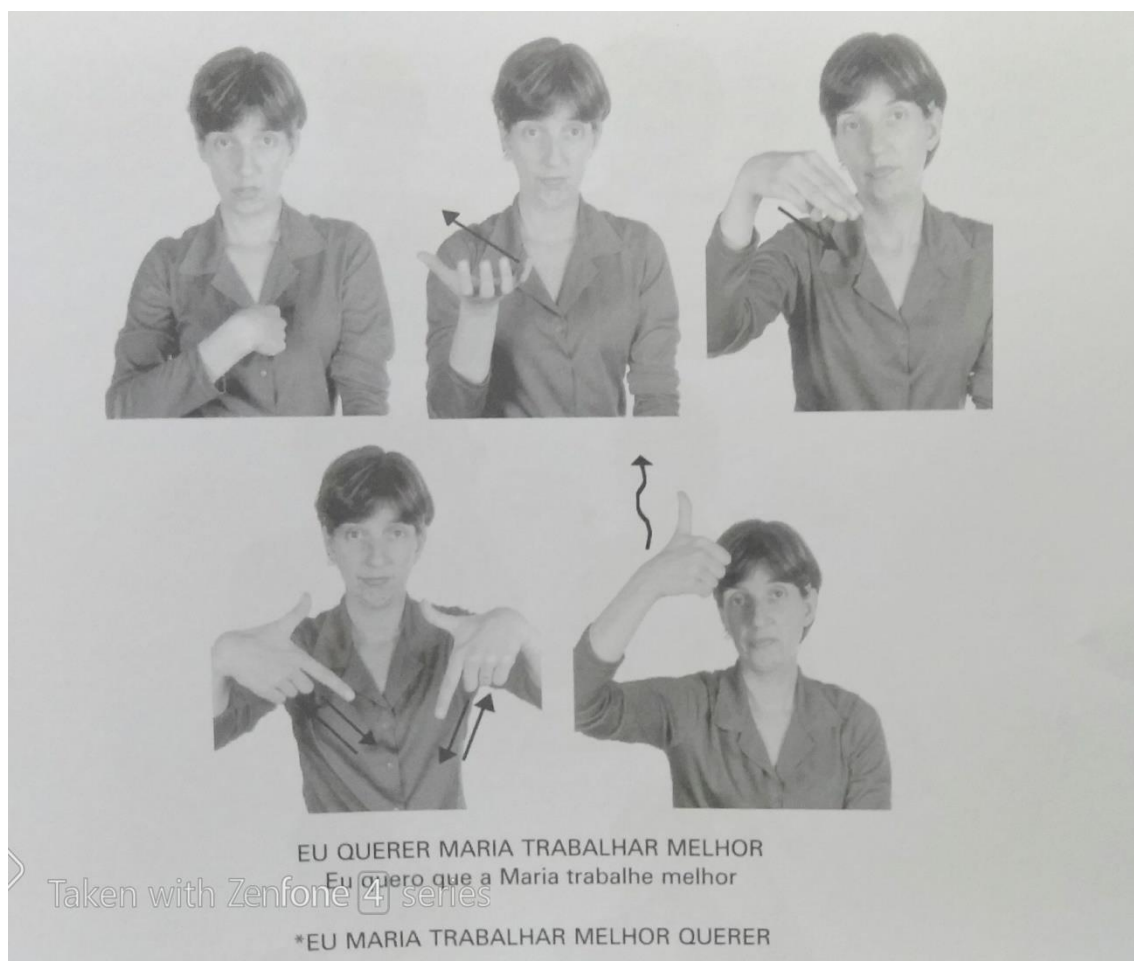
“as construções ilustradas evidenciam que a ordem SVO não pode ser derivada quando o objeto é uma oração subordinada, diferente de uma oração simples do tipo JOÃO [FUTEBOL]< GOSTAR> f e MARIA [LIVROS]<aDARb> do associadas às respectivas marcas não-manuais. Os exemplos evidenciam que a ordem SOV apresenta mais uma restrição. Isso pode

⁵ Exemplo presente em Quadros & Karnopp (2004).pág.142

indicar mais uma vez que a ordem SVO é a ordem mais básica na LSB.”

Outro exemplo dado por Quadros & Karnopp (2004) é visto em (3)⁶, no qual é afirmado que a ordem SOV também pode ser usada com normalidade na LSB.

(3)

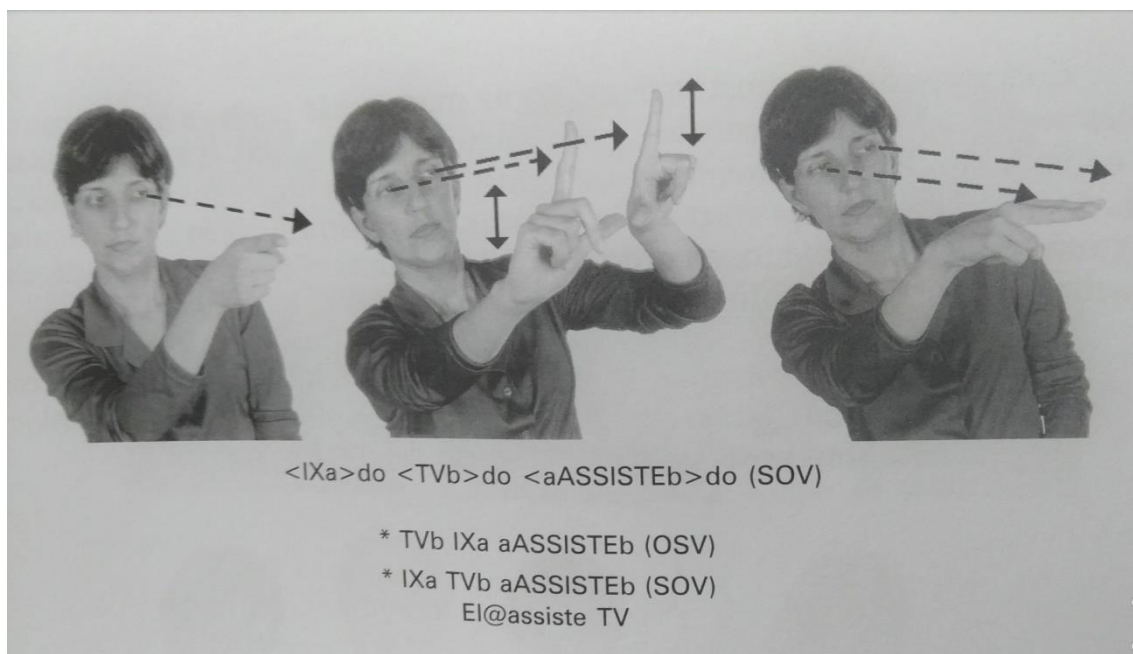


Já em (4)⁷ encontramos as ordens OSV e SOV que, de acordo com Quadros & Karnopp (2004), ocorrem somente quando há alguma coisa a mais na sentença, como a concordância e as marcas não-manuais:

⁶ Exemplo presente em Quadros & Karnopp (2004), Pág.143.

⁷ Exemplo presente em Quadros & Karnopp (2004), Pág.140.

(4)



Além dos exemplos acima apresentados, Quadros & Karnopp, (2004) afirmam que “quando o objeto de uma sentença sem concordância é topicalizado, é necessária a realização de uma forma pronominal na posição do objeto”, como ocorre em (5)⁸

(5) top JOÃOa GOSTAR IXb A Maria, o João gosta dela.

para a qual Quadros (1999) defende que a concordância verbal é responsável pela identificação dos argumentos. Ou seja, a trajetória verbal identifica qual é o sujeito e qual é o objeto da sentença. Em contrapartida, sentenças que não possuem concordância, como a ilustrada por (6)⁹, precisam realizar uma forma pronominal na posição em que o objeto topicalizado é gerado.

(6) top JOÃO GOSTAR.

Quanto à ordem SOV, esta pode ser obtida por meio de duas operações distintas: a primeira seria a duplicação do verbo principal para a posição de

⁸ Exemplo presente em Quadros & Karnopp, (2004), pág.151.

⁹ Exemplo presente em Quadros & Karnopp, (2004), pág.159.

foco, fazendo com que a cópia mais baixa seja apagada, como visto em (6)¹⁰, ou pelo movimento do verbo e do objeto para fora da projeção do sintagma verbal, como em (6)¹¹.

Há também a possibilidade de encontrarmos a ordem VOS que, segundo Arrotéia (2003, *apud* Quadros e Karnopp, 2004), acontece com sentenças em que há foco contrastivo, como em (7)¹², para o qual observamos duas respostas possíveis para uma pergunta, resultando em uma resposta no formato VOS.

(7) QUEM COMPRAR CARRO JOÃO O-U MARIA?

COMPRAR CARRO JOÃO

As evidências empíricas arroladas acima apontam para o fato de que a ordem básica da frase em LSB é algo ainda pouco estudado, pois alguns autores afirmam ser ela a SVO, sendo as demais ordens apresentadas derivadas a partir de diferentes operações sintáticas, porém há ainda a necessidade de um estudo mais aprofundado da LSB para tal afirmação. Além disso, percebe-se que algumas dessas operações sintáticas são sensíveis ao fato de o verbo possuir ou não concordância.

¹⁰ Exemplo presente em Quadros & Karnopp. (2004), Pág.158.

¹¹ Exemplo presente em Quadros & Karnopp, (2004), pág.155.

¹² Exemplo presente em Quadros & Karnopp, (2004), pág.155.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, foi realizado um estudo comparativo com dados sobre o que os autores dizem sobre a ordem das frases em LSB, esclarecendo alguns pontos e trazendo outros questionamentos e reflexões.

É consenso entre os autores pesquisados que a ordenação mais básica na LSB é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) e que todas essas sentenças são gramaticais na língua, porém é possível, de acordo com os dados apresentados, que outras ordenações como SOV, OSV, OVS, VOS e VSO sejam realizadas, mas estas ocorrem apenas em situações específicas e com determinadas intenções.

Concluimos com a certeza de que ainda há muito a ser estudado e pesquisado, e que estes e outros trabalhos nos mostram a necessidade de aprofundar os estudos e pesquisar cada vez mais, buscando um aprimoramento maior, com responsabilidade e respeito, visando um ensino verdadeiro que nos conduza por caminhos prósperos e voltados para o engrandecimento e empoderamento da Língua de Sinais Brasileira. Apenas com esse fortalecimento teremos a plena certeza de que nossos esforços serão recompensados, pois comprova-se com isso que a LSB é uma Língua tão importante e emocionante quanto qualquer outra língua do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. M. F. **Dissertação de Mestrado sobre Causatividade em Libras- UNB**, 2015.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRITO, L. F. **Por uma gramática em Línguas de sinais-Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro**, 2010.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 6º Ed, 2006.

FELIPE, T. A. **O processo de formação de palavra na Libras**. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.

_____. **Libras em contexto: Curso básico. Manual do professor/instrutor**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.

FERNANDES, E. **Parecer solicitado pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo sobre a Língua de Sinais usadas nos Centros Urbanos do Brasil**. Integração, Brasília, n13, pp. 18-21, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. Ed, 2010.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FISCHER, S. **Influences on verb order change in American sign language**. In: LI, Charles (ed.). Word order and word order change. University of Texas Press. 1975.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1ªEd. Parábola Editorial: São Paulo. 2009.

GREENBERG, J. H. **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1966.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo , 35 (3), p. 20-29, 1995 .

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. **The signs of language.** Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MARTELOTTA, M. E; WILSON, V. **Arbitrariedade e Iconicidade.** In: MARTELOTTA, M. E. (org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2010 (pp. 71-86).

MIRANDA, J. P. V. **Dissertação de Mestrado sobre Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?** UNB, 2014.

NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo.** São Paulo, Editora Parábola: 2012.

OLIVEIRA, J. S. de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras-Libras.** 425 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2015.

QUADROS, R. M de & KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais brasileira, estudos linguísticos-** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. **Phrase structure of brazilian sign language.** Porto Alegre: PUCRS, tese doutorado, 1999.

SALLES, H. M. M. L. A. (COLAB.). **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. v 1. 2003.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, F. In: BALLY, C; SECHEHAYE, A. (org.). **Curso de Linguística Geral.** 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, D. V. C. **Um Olhar sobre os Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais.** LITTERA ONLINE, 1(2), 2010.

SOUZA, G. L. **Concordância, caso e ergatividade em língua de sinais brasileira : uma proposta minimalista.** 2014.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

WIGGERS, K. L.; RÉ, A. M. & PORFÍRIO A. J. **Classificação das Configurações de Mão da Língua Brasileira de Sinais Mediante Rede Neural Artificial Kohonen.** Revista Ciências Exatas e Naturais, 16 (2), jul/Dez, pp. 175 -197, 2014.

